

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-CLAUDE BIETTE – O TEATRO DAS MATÉRIAS
25 e 31 de Janeiro de 2025

LE COMPLEXE DE TOULON / 1994

Um filme de Jean-Claude Biette

Realização e Argumento: Jean-Claude Biette / Direcção de Fotografia: Denis Morel e Maite Beragne / Som: Dominique Dindinaud e Franck Malabry / Montagem: Marie-Catherine Miqueau e Stéphane Peyssard / Interpretação: Jean-Christophe Bouvet (Chris Patsch), Howard Vernon (Charles Toulon), Haydée Caillot (Flora Merci), Ysé Tran (Marie), Jean-Frédéric Ducasse (Fred Patsch), Philippe Chemin (Charles Magne), Thomas Badek (assistente de encenação), Olivier Merotto (Sylvain), Pierre Léon (maestro aprendiz), Paulette Bouvet (madame Patsch), Noel Simsolo, Dominique Rabourdin, etc.

Produção: Mat Films – Films à Faire / Produtores: Richard Magnin e Julien Sicard / Cópia: 35mm, colorida, falada em francês com legendagem electrónica em português / Duração: 81 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Uma boa maneira de caracterizar o cinema de Biette, e muito particularmente este filme, foi encontrada pelo crítico francês Serge Le Peron: “faz o real mexer, mas como um batimento de asas”. Ou como o resultado de uma batimento de asas: a muito peculiar dinâmica, o muito peculiar movimento, dos filmes de Jean-Claude Biette, cabem muito bem nessa ideia. Sentimos que alguma coisa se está sempre a deslocar, que é posta em marcha (ou em voo), que esse deslocamento e esse voo são contínuos, constantemente alimentados por novos batimentos de asas, coisas simples, gestos simples, cuja função é precisamente essa, manter o filme a voar.

A voar, mas de onde e para onde? É aí que a resposta, como habitualmente, mas muito especialmente neste **Complexe de Toulon**, se torna complicada. É um cinema denso em termos de peripécias, peripécias “verbais” (o diálogo é um dos instrumentos fundamentais de Biette, razão porque se vê a frequentemente a tendência, só parcialmente certa, de o associar a Rohmer) mais do que peripécias narrativas, embora estas também existam – para mais num filme como este, que parece que está sempre a expandir-se, a conquistar novas personagens e novas situações (e, seguramente, novos lugares, como acontece na sequência londrina). **Le Complexe de Toulon** liga-se a outros filmes de Biette (**Loin de Manhattan** é um caso evidente) pelo esqueleto narrativo e temático: é frequente encontrarmos neste cinema personagens jovens fascinadas, ou pelo menos interessadas, por figuras de intelectuais mais velhos, espécie de mentores esquivos, fugidios, carregados de “mistério”. O Charles Toulon deste **Complexe** está no filme como o pintor René Dimanche de **Loin de Manhattan**, e até o actor é o mesmo (Howard Vernon, um “fétiche” de um realizador extremamente fiel aos seus actores, e que aqui praticamente se despedia, do cinema de Biette e da vida: morreu em 1996, o que dá àquele grande plano do seu rosto a desejar “bon voyage” para fora de campo um tom de homenagem “pré-póstuma”, como se ambos, realizador e actor, intuissem que se tratava de uma despedida). Mas, como sempre, o mistério, se o há, não se aclara – ou é apenas, como quase tudo no filme, mais um “batimento de asas”.

Mas também é por isso que há qualquer coisa de hitchcockiano em Biette, no que toca à construção dos seus enredos. É um cineasta do “macguffin”, da saliência que se esgota na sua própria condição de saliência, e cuja verdadeira função é apenas manter as coisas em movimento, ou forçar uma

mudança de direcção. A quantidade de “mudanças de direcção” contida em cada filme de Biette pode ser desconcertante, e **Le Complexe de Toulon** também é assim, sempre a dobrar esquinas, sempre em “detours”, sempre a abrir portas por onde depois nem é forçoso que entre. O prazer de narrar, claro: Biette falou disso várias vezes, e essa é uma fonte de energia tão boa como qualquer outra (para mais, é um prazer que se sente, e que se comunica ao espectador que se disponha a aceitar a *règle du jeu* de Jean-Claude Biette). O prazer que vem com esse, e bastante cómico, de criar pequenos universos culturais quase microscópicos, ou microcósmicos, que às vezes se pressente estarem “em referência” mais ou menos genérica mas se autonomizam sempre dela, e a circulação entre esses universos (**Le Complexe de Toulon** começa com música, passa pela psicologia, vai dar ao teatro). O espectáculo segundo Biette é isto, esta flutuação permanente, esta suspensão no ar (inadvertidamente, voltamos à metáfora do voo), a imprevisibilidade quanto à direcção que se vai tomar a seguir. Mas debaixo disto, a centrar as coisas, a ligá-las à terra, está uma vida, estão as “coisas da vida”, os encontros e desencontros familiares, as memórias sentimentais, os movimentos de fuga e regresso. Se o grande psicólogo Charles Toulon abandonou a vida académica para se converter em actor shakespeariano, Chris Patsch (o grande Jean-Christophe Bouvet, outra figura típica da “troupe” de Biette), o “flâneur” mais “flâneur” da obra de Biette, volta aos lugares e às pessoas de uma vida antiga, a do seu tempo de juventude passado em Londres. Há uma gravidade simples em todas essas cenas, uma espécie de acumulação de memórias sentimentais raramente expressas, uma caminhada em direcção a uma melancolia mais ou menos difusa, que fazem pensar que, despido de todas as máscaras e de todos os “macguffins”, está aí, nesse eco memorialista, o centro de **Le Complexe de Toulon**. Mas como ter a certeza, se ainda por cima o cinema de Biette é um cinema do maior pudor emocional?...

Luís Miguel Oliveira